

FICHA TÉCNICA

Título original: *A History of the World in Seven Cheap Things*

Autores: *Raj Patel e Jason W. Moore*

Copyright © 2017 by Raj Patel and Jason W. Moore

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Alberto Gomes*

Revisão técnica: *Carlos Braga*

Revisão: *Anabela Macedo/Editorial Presença*

Design da capa: *Lia Tjandra*

Icons: *Freepik*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, junho, 2018

Depósito legal n.º 440 924/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

ÍNDICE

Introdução	13
1 Natureza Barata	55
2 Dinheiro Barato	74
3 Trabalho Barato	100
4 Cuidados Baratos	120
5 Comida Barata	147
6 Energia Barata	170
7 Vidas Baratas	189
Conclusão	210
Agradecimentos	221
Notas Finais	225
Bibliografia	252

INTRODUÇÃO

O relâmpago e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, as ações precisam de tempo, mesmo depois de realizadas, para serem vistas e entendidas. Este feito, para eles, é ainda mais remoto do que as estrelas mais distantes — e, no entanto, foram eles que o levaram a cabo!

Friedrich Nietzsche,
«O Louco», in *A Gaia Ciência*

A agricultura sedentária, as cidades, os Estados-nação, a tecnologia da informação e todas as outras facetas do mundo moderno surgiram no âmbito de uma longa era de clima benéfico.¹ Esses tempos já acabaram. Os níveis dos oceanos estão a subir, o clima está a tornar-se menos estável e as temperaturas médias estão a aumentar. A civilização nasceu numa era geológica conhecida como o Holocénico. Alguns estudiosos já designaram a nossa nova era climática como o Antropocénico. A vida inteligente futura saberá que estivemos cá porque alguns seres humanos atulharam o registo fóssil com maravilhas como radiação de bombas atómicas, plásticos da indústria petrolífera e ossos de frango.²

O que acontecer de hoje para o futuro é, por um lado, imprevisível, mas também, por outro lado, inteiramente previsível. Independentemente do que os seres humanos decidirem fazer, o século XXI será uma era de mudanças «abruptas e irreversíveis» na rede da vida.³ Os cientistas do sistema Terra têm um termo bastante insípido para designar um ponto de viragem tão fundamental na vida de um sistema biosférico: mudança de estado. Infelizmente, a ecologia da qual surgiu esta mudança geológica também produziu seres humanos que não estão preparados para enfrentar esta mudança

de estado. O louco de Nietzsche foi recebido de forma similar ao anunciar a morte de Deus: embora a Europa industrial tivesse reduzido a influência divina à ida à missa semiobrigatória ao domingo de manhã, a sociedade do século XIX não conseguia imaginar um mundo sem Deus. O século XXI apresenta uma situação análoga: é mais fácil para a maior parte das pessoas imaginar o fim do planeta do que imaginar o fim do capitalismo.⁴

Para acompanhar a nossa época necessitamos de uma mudança de estado ao nível intelectual.

A primeira tarefa prende-se com uma questão de rigor linguístico, e consiste em nos apercebermos do problema em designar a nossa nova era geológica como o Antropocénico. A raiz *antropo* (do grego *anthropos*, «ser humano») sugere que foi o mero facto de os humanos serem humanos — da mesma forma que as crianças são crianças ou que as serpentes são serpentes — que causou as alterações climáticas e a sexta extinção em massa no planeta. É verdade que os seres humanos têm vindo a alterar o planeta desde o fim da última Idade do Gelo.⁵ Uma taxa de caça ligeiramente superior à taxa de regeneração ao longo dos séculos, a par de um clima e áreas de pasto em mudança, ditou o fim do mamute-de-colúmbia na América do Norte, do parente descomunal do orangotango, o *Gigantopithecus*, no Leste asiático⁶, e do colossal alce-irlandês *Megaloceros giganteus* na Europa.⁷ Os seres humanos podem até ter sido responsáveis em parte por atenuarem uma fase de arrefecimento global, ocorrida há doze mil anos, por via de emissões de gases com efeito de estufa relacionadas com a agricultura.⁸

Uma coisa é caçar mamíferos de grande porte até à extinção, mas a rapidez e a dimensão da destruição atual não podem ser extrapoladas com base nas atividades dos nossos antepassados cavernícolas. A atividade humana atual não está a exterminar mamutes ao longo de séculos de caça excessiva. Presentemente, alguns seres humanos estão a matar tudo, desde megafauna a microbiota, a taxas cem vezes superiores à taxa normal de extinção.⁹ Neste livro, defendemos que aquilo que mudou foi o capitalismo, que a história moderna, desde o início do século XV, se desenrolou no âmbito daquilo que seria mas correto denominar como o Capitalocénico.¹⁰ Usar esta designação implica encarar o capitalismo a sério e compreender que não

é apenas um sistema económico mas uma forma de organizar as relações entre os seres humanos e o resto da natureza.

Neste livro, mostramos como o mundo moderno foi construído com base em sete coisas baratas: natureza, dinheiro, trabalho, cuidados, comida, energia e vidas. Cada uma das palavras desta frase é complexa. *Barato* é o oposto de uma pechincha — o embaratecimento é um conjunto de estratégias para controlar uma rede de vida mais vasta. As «coisas» tornam-se coisas por via de exércitos, clérigos, contabilistas e imprensa. Essencialmente, os seres humanos e a natureza não existem como gigantescas bolas de bilhar seiscentistas a esmagarem-se uma contra a outra. O pulsar da criação de vida é desordenado, litigioso e de mútua sustentação. Este livro apresenta uma forma de refletir sobre as relações complexas entre os seres humanos e a rede de vida, ajudando-nos a compreender o mundo que nos rodeia e sugerindo aquilo em que poderá tornar-se.

Em jeito de antevisão, regressemos àqueles ossos de frango encontrados no registo geológico, um indício capitalista da relação entre os seres humanos e a ave mais comum do mundo, o *Gallus gallus domesticus*.¹¹ Os frangos que comemos hoje em dia são muito diferentes daqueles que eram consumidos há cem anos. Os frangos e galinhas atuais são o resultado de intensos esforços levados a cabo a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, com base em material genético gratuito proveniente das selvas asiáticas, material esse que os seres humanos decidiram recombinar para produzir a mais rentável de todas as aves de capoeira.¹² Essa ave mal consegue caminhar, alcança a maturidade numa questão de semanas, tem um peito desproporcionado e é criada e abatida em quantidades que têm um impacto geológico significativo (mais de sessenta mil milhões de aves por ano).¹³ Pensemos nesta relação como um sinal de Natureza Barata. Sendo já o tipo de carne mais popular nos Estados Unidos, prevê-se que a carne de frango venha a ser a mais procurada do planeta para consumo humano até 2020.¹⁴ Isso irá exigir uma grande quantidade de mão de obra. Os trabalhadores avícolas são muito mal pagos: nos Estados Unidos, apenas dois cêntimos por cada dólar gasto numa refeição de frango de *fast food* vão parar às mãos dos trabalhadores, e alguns criadores de aves utilizam mão de obra prisional, remunerada a vinte e cinco cêntimos por hora. Encaremos

isto como um exemplo de Trabalho Barato. Na indústria avícola americana, 86% dos trabalhadores que cortam asas de frango têm dores devido aos gestos repetitivos de corte e flexão na linha de produção.¹⁵ Algumas entidades patronais ridicularizam os seus empregados por se queixarem de lesões e é comum essas reivindicações serem negadas. O resultado para os trabalhadores é um decréscimo de 15% nos seus rendimentos durante dez anos após a lesão.¹⁶ Enquanto recuperam, esses trabalhadores ficarão dependentes das suas famílias e de redes de apoio, um fator exterior aos circuitos de produção mas fulcral para a continuação da sua participação na força de trabalho. Encaremos isto como um exemplo de Cuidados Baratos. Os alimentos produzidos por esta indústria acabam por manter as barrigas cheias e limitar o descontentamento através de preços baixos nas caixas dos supermercados e nos *drive-ins*. Trata-se de uma estratégia de Comida Barata. Os próprios frangos contribuem relativamente pouco para as alterações climáticas — só têm um estômago e não arrotam metano como fazem as vacas —, mas são criados em grandes aviários que usam uma enorme quantidade de combustível para manter uma temperatura amena. São o fator que mais contribui para a pegada de carbono da indústria avícola norte-americana.¹⁷ Não se pode ter frango a um preço baixo sem abundante gás propano, ou seja, sem Energia Barata. Existem alguns riscos na venda comercial destas aves processadas; no entanto, através de contratos de *franchising* e subsídios, tudo desde um fácil acesso financeiro e físico ao lote de terra onde são cultivadas as sementes de soja para alimentar as aves — sobretudo na China, no Brasil e nos Estados Unidos¹⁸ —, até empréstimos a pequenas empresas, esses riscos são mitigados através de dinheiros públicos investidos para lucro privado. Trata-se de um dos aspetos do Dinheiro Barato. Por último, atos persistentes e frequentes de chauvinismo contra categorias de vida animal e humana — tais como as mulheres, os povos colonizados, os pobres, as pessoas de cor e os imigrantes — tornaram possível a existência destas seis coisas baratas. Estabelecer esta ecologia exige um elemento final: o regime de Vidas Baratas. Todavia, os seres humanos resistem em cada fase deste processo: desde os Povos Indígenas¹⁹, cujas aves são a fonte de material genético para a reprodução animal através da prática da avicultura, até profissionais de saúde que reivindicam o reconhecimento e a prestação

de assistência àqueles que combatem as alterações climáticas e Wall Street. As lutas sociais decorrentes do embaratecimento de natureza, dinheiro, trabalho, cuidados, comida, energia e vidas que deram origem aos ossos de frango do Capitalocénico quase permitem afirmar que o símbolo mais icónico da era moderna não é o automóvel nem o *smartphone* mas o *Chicken McNugget*.

Tudo isto é automaticamente esquecido quando embebemos o produto de frango e soja no molho de churrasco contido num recipiente de plástico. No entanto, os vestígios fossilizados de um bilião de aves de capoeira irão durar mais do que os humanos que as criaram e marcarão a sua passagem neste planeta. É por essa razão que apresentamos a história dos humanos, da natureza e do sistema que modificou o planeta como uma história breve do mundo moderno: como um antídoto contra o esquecimento. Este livro não é, porém, uma história do mundo inteiro. É a história dos processos que poderão explicar a razão de o mundo ser como é hoje. A história destas sete coisas baratas ilustra como o capitalismo se expandiu ao ponto de originar mapas como aquele que é apresentado nas páginas seguintes e que mostra como apenas uma pequena porção da Terra ficou fora do âmbito do poder colonial europeu.

Mais adiante, iremos explicar com precisão o que entendemos por *barato*. Em primeiro lugar, precisamos de postular que não foi um determinado comportamento natural humano que nos conduziu à situação atual mas uma interação específica entre os humanos e o mundo biológico e físico.

Um breve guia sobre humanos e natureza antes do capitalismo

As queixas sobre a forma como os humanos tratam mal o mundo natural é uma atividade velha de séculos. Platão fê-lo no seu diálogo *Crítias*, descrevendo uma época nove mil anos antes da sua, quando a área em redor de Atenas era florestada e cultivada por um povo nobre que detinha a propriedade de forma comunal e amava a natureza mais do que os contemporâneos de Platão. Segundo refere o filósofo ateniense, os seus pares tinham desonrado a natureza e permitiram que

as colinas ficassem despidas de arvoredo.²⁰ O relato de Platão é uma história romantizada — e quase certamente falsa — da Atenas periurbana.²¹ A nossa análise aponta não para uma ausência de honra, mas para aquilo que aconteceu, acidentalmente, quando um tributário menor da civilização da Ásia Ocidental sofreu simultaneamente uma crise climática, de saúde pública e de sociedade. Iniciamos a nossa história alguns séculos antes do dealbar do capitalismo, num lugar que aspirava alcançar as riquezas e as civilizações da Ásia Central e Oriental mas que era bastante mais pobre²², numa época moldada pelo clima. Começamos na Europa feudal.

O Período Quente Medieval foi uma anomalia climática que ocorreu entre *circa* 950 e 1250 no Atlântico Norte.²³ Os invernos eram amenos e as estações de crescimento eram longas. Os cultivos espalharam-se para norte num movimento ascendente: germinaram vinhas na Noruega e quintas de exploração cerealífera erguiam-se sobre montanhas e terras altas desde os Alpes até à Escócia.²⁴ A população da Europa aumentou, quase triplicando — para setenta milhões — nos cinco séculos decorridos após 800.²⁵ A população de Inglaterra atingiu o seu número máximo por volta de 1300 e só voltaria a alcançar esse nível no final do século XVII.²⁶ O excedente agrícola aumentava cada vez mais rapidamente. As cidades multiplicavam-se por toda a parte e, por volta de 1300, uma parcela crescente da população — talvez um quinto — trabalhava fora do setor agrícola. Essa prosperidade relativa também alimentou apetites expansionistas. As Cruzadas foram um exemplo disso: operações altamente mercantilizadas e militarizadas que tinham como alvo a riqueza do Mediterrâneo Oriental, iniciadas em 1095. Foram acompanhadas de outros movimentos de conquista, dois dos quais tiveram um papel preponderante na formação do mundo moderno quatro séculos mais tarde. O primeiro foi a reconquista cristã da Ibéria, naquilo que é hoje Portugal e Espanha. Os castelhanos e os aragoneses começaram a reduzir o domínio islâmico na Península Ibérica através da primeira vaga de Cruzadas — e os cruzados fizeram a reconquista compensar através da imposição do tributo, no que viria a ser uma característica do capitalismo colonial. O segundo movimento foi mais subtil e mais poderoso. O aspeto mais importante do feudalismo era a sua capacidade de sustentar uma maciça e contínua expansão dos colonos

sem uma autoridade centralizada. Para esse fim, contava com a agricultura: o maior conquistador de todos. Por volta do século XIV, a agricultura ocupava um terço de todo o uso das terras europeias, no que constitui um aumento drástico, seis vezes superior ao dos cinco séculos anteriores, e em grande parte alcançado à custa do abate de florestas.²⁷

A Europa feudal desfrutou do Período Quente Medieval até ao seu auge, por volta de 1250, quando o clima se tornou mais frio — e mais húmido. Após séculos de relativa segurança de abastecimento alimentar, a fome regressou, dessa vez com uma força redobrada, abatendo-se sobre uma civilização habituada a condições climáticas completamente diferentes. Em maio de 1315, chuvas torrenciais assolaram a Europa, possivelmente em resultado da erupção do monte Kaharoa na Nova Zelândia.²⁸ As chuvas só abrandariam em agosto, quando o dilúvio cessou com uma vaga de frio precoce. As colheitas haviam sido fracas nos anos anteriores, mas as do ano de 1315 foram desastrosas — bem como as do ano seguinte. A população da Europa diminuiu cerca de 20% ao longo dos anos seguintes.²⁹ O continente só viria a escapar à Grande Fome — como os historiadores a designam — em 1322.³⁰

Embora as pessoas dessa época o desconhecassem, tinham entrado na Pequena Idade do Gelo, um período que só terminaria no século XIX. A Pequena Idade do Gelo pôs à mostra as vulnerabilidades do feudalismo. O seu sistema de produção alimentar, por exemplo, só funcionou bem enquanto o clima permaneceu clemente. Isto deveu-se principalmente ao facto de esse sistema operar através de um particular acordo de classes, segundo o qual os senhores feudais desfrutavam de um controlo formal sobre as terras e os camponeses cultivavam-nas. Os suseranos regiam um crescente campesinato, o qual era capaz de gerar um crescente excedente agrícola, embora marcado por uma tendência de produtividade decrescente. A fertilidade dos solos foi-se exaurindo lentamente ao longo dos séculos, um declínio que foi em parte ocultado por uma crescente população de camponeses que extraía o possível das áreas de terra delimitadas. Quando o clima se alterou, desencadeou uma avalanche de falências, propagadas através de um sistema de classes que impunha a exaustão do solo e a fome, dizimando milhões de vidas.